

O nosso futuro dependendo das flautas dos pajés

flautas, que têm o poder (as flautas) de "fazer os brancos acreditarem em suas palavras" (dos pajés). Os brancos da esquerda, progressistas, é claro.

Houve tempo em que quem decidia sobre a conveniência ou não de um projeto de usina hidrelétrica no Brasil eram, de um lado, os engenheiros especializados em hidráulica e outros técnicos capacitados e, de outro, os órgãos econômicos do governo, eventualmente com a colaboração de grupos privados que se dedicavam ao estudo da questão custo-benefício.

Hoje, graças aos progressos galopantes da **democracia participativa**, a opinião decisiva sobre esse tipo de empreendimento, do qual depende vitalmente o futuro da economia nacional, cabe a uma assembléia de caciques, com a colaboração secundária de um **cupincha** do presidente Sarney, sr. Fernando Mesquita, que perdeu a única função que poderia ter no governo, considerando-se o seu currículo profissional — de jornalista — e que hoje, depois de ter sido governador de Fernando de Noronha, toma pela primeira vez conhecimento da existência da Amazônia na qualidade de presidente do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente, apesar de, até ontem, só ter tido contacto com problemas do **meio ambiente** da copa e da cozinha do Palácio do Planalto.

Os índios, cuja influência nos destinos do Brasil já é tão grande que já viram adotado, senão por brasileiras e brasileiros, certamente por brasileiras jovens e bonitas, o costume de andar de bunda de fora, agora conseguem algo mais importante e mais grave que isso, ou seja, impor a muitos brasileiros e brasileiras — os da **esquerda, progressistas** — o hábito de resolver problemas de importância vital para a comunidade nacional por meio de rituais de dança e da invocação da proteção dos deuses mediante a intermediação de seus pajés.

Segundo reportagem assinada pelo antigo inimigo radical do "imperialismo" norte-americano e hoje seu principal aliado, Fernando Gabeira, na **Folha de S. Paulo** de ontem, "o que mais fascinou os estrangeiros" (ele cumpriu a promessa, que fez na televisão recentemente e que nós comentamos em editorial recente, de promover a invasão do território nacional por estrangeiros "especializados" em Amazônia) presentes no **happening** de Altamira, "foi a intervenção dos pajés", particularmente "o caíami Prepuri (que) tocou uma flauta para que os brancos acreditassem em suas palavras", o que, certamente, aconteceu.

Altamira, como sabem todos os que lêem jornais e assistem à televisão, é hoje o centro das atenções do mundo desenvolvido e próspero, que não tem problemas nem de **minorias indígenas** nem tampouco de **energia elétrica**.

Aliás, a contribuição das televisões, na maioria dos casos, incapazes de fazer qualquer outra coisa além de transmitir ao grande público a imagem física dos eventos, desinformando quase sistematicamente sempre que acompanham as imagens com comentários e "explicações" — mais ou menos como acontece com os locutores que acompanham os jogos de futebol exibidos ao vivo pela **TV Globo** — e que jamais admitem, por interesse comercial, que o espetáculo que estão exibindo é de péssima qualidade — como efetivamente é em 98% dos casos —, a contribuição das televisões, dizíamos, para confundir ainda mais as mentes dos leigos na matéria, é decisiva.

Felizmente, para facilitar o encaminhamento racional da discussão de um problema de cuja solução vai depender a redenção material de mais de 70 milhões de brasileiras e brasileiros — ou a sua permanência até o fim dos tempos no estado de miséria em que se encontram — temos a presença no Brasil do cantor inglês Sting, que certamente, depois de ter sido recebido com todas as honras pelo presidente Sarney, e discutido com ele, do alto da sua reconhecida competência em matéria de **shows** musicais — que, como sabem os que viram a cobertura da TV anteontem, é do que se trata em Altamira — o problema da Amazônia, certamente trará uma contribuição inestimável para o seu bom encaminhamento. Sua contribuição certamente fará que não se sinta tanto a ausência de Brigitte Bardot em Altamira, que não cumpriu a promessa que fizera de também vir nos auxiliar a compensar nossa própria incompetência para cuidar de nossos problemas.

Também para compensar essa ausência tivemos a cooperação dos chamados **grafiteiros** de São Paulo. Aqui cabe uma explicação: antigamente, há algumas décadas, era muito popular no Brasil o ditado francês segundo o qual "**la muraille est le papier du canaille**", é que a pixação de muros e paredes nas cidades brasileiras até há algum tempo era atividade exclusiva de candidatos a postos políticos e de pessoas de mau caráter que se comprazem em chocar gente com o pudor à flor da pele. Hoje, além desse tipo de utilização, as paredes e muros servem também para o extravasamento de dotes artísticos e, eventualmente, para a conjugação do objetivo artístico com o objetivo político-ideológico. Os cultivadores dessa nova forma de expressão artística é que são chamados de **grafiteiros**. E os de São Paulo estão todos engajados na luta contra as hidrelétricas da Amazônia.

O fato de nem cantores populares nem grafiteiros se dedicarem normalmente a estudos mais profundos sobre problemas de meio ambiente ou de energia hidrelétrica não reduz em nada a importância da sua participação nessa campanha que, a partir deste momento, assume definitivamente aspectos ideológicos. É que entre a maioria esmagadora dos milhares de brasileiros e brasileiras que escolheram o município de Altamira para trabalhar e prosperar na vida — afinal não é todo mundo que pode ganhar a vida cantando em Londres ou pintando paredes na avenida Paulista —, que resolveram se mobilizar para defender a construção da hidrelétrica de Kararaó, convencidos de que dela vai depender não só o seu próprio futuro como também o futuro do Brasil, estão algumas dezenas de filiados da famigerada UDR.

Daqui em diante, portanto, a questão estará posta nestes termos: quem é da **esquerda** e, portanto, **progressista** é contra hidrelétricas; quem é a favor é da **direita**, e, portanto, **conservador**, embora, no caso específico da energia potencial dos rios amazônicos, quem quer **conservar** (o Brasil no escuro e na miséria) não são os **conservadores**.

Mas, afinal, isso não tem muita importância, considerando-se que a decisão final vai depender dos pajés e suas